**Poder e bandidos sociais. Artigo de Frei Betto**

"Por que não é fácil o corte entre poder público e bandidagem?", pergunta [Frei Betto](https://www.ihu.unisinos.br/633595-raizes-biblicas-do-sionismo-do-%20estado%20-de-israel-artigo-de-frei-betto), escritor, autor de “Parábolas de Jesus – ética e valores universais” (Vozes), entre outros livros.

Segundo ele, "porque não há suicídio de classe. Após se misturarem, água e óleo - o que, em tese, parece impossível - não podem mais ser separados. Tornam-se a mesma substância. Só uma nova **classe política**, eticamente imune à corrupção, é capaz de resgatar o tecido social corroído. Mas isso supõe uma virtude que, hoje, figura entre as que merecem o título de heroica: saber perder aparentes vantagens para ganhar substancial legitimidade. Pois quem quer fazer novos a sociedade e o ser humano sabe que pode perder tudo - a liberdade, as posses e até a vida - menos a moral".

**Eis o artigo.**

[Eric Hobsbawn](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/172-noticias-2012/514183-o-seculo-de-hobsbawm) tratou da questão da **ética** e do **poder** em “***Social Bandits and Primitive Rebels***”, onde analisou as formas arcaicas de protesto nos séculos XIX e XX. Em 1969, relançou a edição melhorada da obra sob o título “**Bandits**”.

**Hobsbawn** escreveu que [narcotraficantes](https://www.ihu.unisinos.br/631577-narcotrafico-as-investigacoes-bem-sucedidas-comecam-pela-analise-dos-movimentos-financeiros-entrevista-com-allan-de-abreu) e políticos corruptos não são bandidos comuns, são "**bandidos sociais**". A diferença é que os primeiros estão fora-da-lei e à margem da sociedade. Os segundos, apesar de agirem ao arrepio da lei, integram-se à sociedade.

Há bandidos sociais, como os bicheiros, que patrocinam escolas de samba e eventos, competições esportivas e campanhas políticas, com uma desenvoltura e ostentação que os faz serem vistos pelo povo "como heróis, campeões, defensores da justiça... homens que merecem admiração" (1985; 17) e, por isso, pessoas de renome não temem ser fotografadas ao lado deles.

Os bandidos sociais não correspondem à figura mítica de **Robin Hood**, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Fazem o inverso. Através da corrupção, roubam dos pobres para dar aos ricos e poderosos, a fim de conquistar e manter seu lugar nas esferas de poder. É tese de **Anton Blok** sobre a máfia sicialiana, em “***The Peasant and the Brigand: Social Banditry Reconsidered***”, "quanto mais bem sucedido é o bandido, maior a proteção que recebe" (1972; 498).

A recíproca é verdadeira. Da proteção dos que estão dentro-da-lei depende o êxito dos fora-da-lei. Mas, nessa relação, um dos dois deve mover-se na direção do outro. De fato, quem está dentro-da-lei não se move de seu lugar social, mas sim de seu lugar ético. Ao aceitar propinas, vantagens e tráfico de influência, o dentro-da-lei rompe a legitimidade que instaura sua autoridade moral e, subjetivamente, cumplicia-se com o corrupto-corruptor, fechando os olhos à **corrupção**.

De fato, muitos **bandidos sociais**, como o bicheiro e o [policial corrupto](https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/576482-por-que-programas-federais-de-seguranca-nao-funcionaram-ate-hoje-no-brasil), habitam uma terra-de-ninguém, pois se recusam a aceitar o modo de sobrevivência de sua classe de origem. E não chegam ao poder por mérito, mas por suborno, chantagem e compra de proteção, obtendo uma cumplicidade tácita mantida, sobretudo, através do silêncio. Habitam a terra-de-ninguém entre os que têm o poder por direito e os que nunca tiveram nada. É "um deles", do povo, em processo de se associar "a nós", da elite. Como esta se julga mais esperta do que o vulgo, aceita as benesses da contravenção - sambódromo, festas, viagens, dinheiro - sem se dar conta de que, nessa transação, o lucro é dos segundos, que obtêm assim uma migração de sentido de legitimação, trazida pela aproximação física de quem moral e socialmente detém poder segundo as regras da legalidade.

Por que não é fácil o corte entre poder público e bandidagem? Porque não há suicídio de classe. Após se misturarem, água e óleo - o que, em tese, parece impossível - não podem mais ser separados. Tornam-se a mesma substância. Só uma nova **classe política**, eticamente imune à corrupção, é capaz de resgatar o tecido social corroído. Mas isso supõe uma virtude que, hoje, figura entre as que merecem o título de heroica: saber perder aparentes vantagens para ganhar substancial legitimidade. Pois quem quer fazer novos a sociedade e o ser humano sabe que pode perder tudo - a liberdade, as posses e até a vida - menos a moral.

Como bom mineiro, desconfio de que esses homem e mulher novos deverão ser, necessariamente, filhos do casamento entre [Ernesto Che Guevara](https://www.ihu.unisinos.br/572561-quando-che-guevara-deitou-no-chao-da-capela-sistina) e [Santa Teresa de Ávila](https://www.ihu.unisinos.br/603753-o-erro-e-a-errancia-na-escrita-de-santa-teresa-breve-comentario-nos-50-anos-de-seu-doutoramento). E de que não há salvação para a política e os políticos fora das virtudes evangélicas anunciadas e praticadas por **Jesus**.

<https://www.ihu.unisinos.br/634199-poder-e-bandidos-sociais-artigo-de-frei-betto>